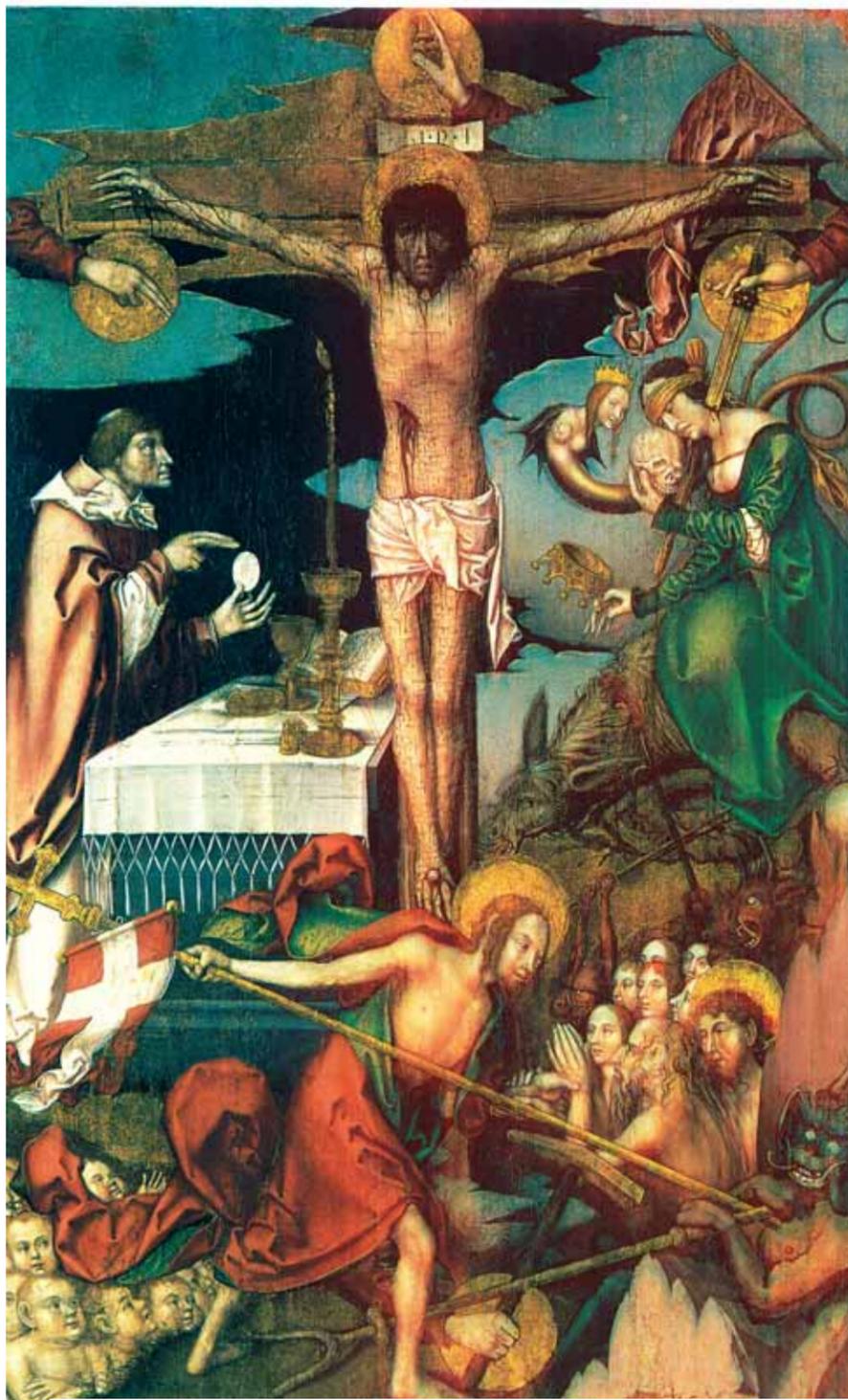


A Eucaristia e a conversão do escritor ateu

# ANDRÉ DE FROSSARD

SÉCULO XX

A conversão do escritor ateu André de Frossard diante do Santíssimo Sacramento teve uma grande repercussão em todo o mundo. Ele mesmo conta como converteu-se no seu livro “Deus existe, eu o encontrei” (1969). Toda a sua vida, não fez outra coisa que dizer: “Desde que eu encontrei Deus, eu não sou capaz de acostumar-me ao Seu mistério. Cada dia é uma novidade para mim. E se Deus existe, eu devo falar; se Cristo é o Filho de Deus, eu devo gritar; se existe a vida eterna, eu devo anunciar”.



Hans Fries, *A Cruz vivente*, Friburgo



Portrait of André de Frossard, a French writer and philosopher. The sketch is accompanied by handwritten text in French, which appears to be a quote or a note related to his work.



André de Frossard

“Entrei às 5:10 numa capela do bairro latino de Paris para procurar um amigo e saí às 5:15 com um amigo que não era deste mundo. Entrei cético e ateu...e mais que cético e ateu, entrei indiferente e tão preocupado com outras coisas que nem pensava num Deus para negar...Em pé junto da porta, busquei com o olhar o meu amigo e não consegui reconhecê-lo...O meu olhar passava da sombra à luz...dos fiéis, aos religiosos e ao altar...E se deteve na segunda vela que ardia à esquerda da Cruz (ignorava que estava diante do Santíssimo Sacramento). E então improvisamente se desencadeou a série de prodígios que com inexorável violência desmontaria num instante o ser absurdo que eu sou, para dar vida ao rapaz estupefato que nunca fui...Primeiro me foram sugeridas estas palavras “Vida Espiritual”...como se tivessem sido

pronunciadas junto de mim a baixa voz...depois uma grande luz, um mundo, outro mundo de um esplendor e de uma densidade que enviam de golpe o nosso entre as sombras frágeis de sonhos irrealizáveis...a evidência de Deus...de quem sinto toda a doçura...uma doçura ativa, desconcertante, que vai além de toda violência, capaz de romper a pedra mais dura e, mais duro que a pedra, o coração humano.

*A sua irrupção* transbordante e total é acompanhada por uma alegria que é a exultação do salvado, a alegria do náufrago que foi recolhido em tempo. Estas sensações, que me cansam traduzir na linguagem inadequada das idéias e das imagens, são simultâneas...Tudo é dominado pela presença...daquele cujo nome não poderei nunca mais escrever sem o temor de ferir a sua

ternura, aquele diante do qual tenho a sorte de ser um filho perdoado, que se desperta para aprender que tudo é dom”. Frossard comenta: “Deus existia e era presente, revelado e mascarado ao mesmo tempo naquela delegação de luz que sem discursos nem figuras dava tudo à inteligência e ao amor...Só uma coisa me surpreende: a Eucaristia, não porque me parece incrível, mas me maravilha que a caridade divina tenha encontrado este meio inaudito para comunicar-se e principalmente que tivesse escolhido o pão fazê-lo; o pão que é o alimento do pobre e a comida preferida dos jovens...”. Frossard conclui a sua confissão com estas belíssimas palavras: “Amor, para falar de ti a eternidade é muito curta”.